

A INSTRUÇÃO POPULAR

A-pesar-de quasi quinze anos de república e dos repubblicanos, durante o período da propaganda, constantemente proclamarem que o novo regime cuidaria com todo o zelo da instrução do povo, não há ainda uma única escola capaz de satisfazer esse objectivo. A educação popular não é cousa nenhuma.

Há uma instrução para os filhos dos burgueses e reduziadamente nas escolas em que os filhos de operários podem ter uns rudimentos de instrução. A tendência geral dos políticos é mesmo para fazer uma escola especial para os pobres continuando a manter as escolas para os ricos.

Não se percebe o disparate de ao lado da instrução ministrada nos liceus, se ter criado a das escolas primárias superiores, para serem frequentadas pelas classes populares. Deu isso em resultado que nem o liceu é sob certos aspectos uma escola como convém à juventude, nem as escolas primárias superiores ministram uma educação integral, que pudesse servir não apenas a filhos de operários mas a toda a gente.

O grande princípio a atender na educação é este: dar uma instrução geral a toda a gente. Até um certo grau a cultura é ministrada a todos indistintamente. Dali em diante aparecem os cursos especializados, as indústrias, as sciencias e as artes. Durante o período da escola única e primária, que todas as crianças, pobres e ricas, frequentariam, denunciavam-se as tendências e aptidões dos alunos que seguiriam depois o seu natural de fôr, independentemente das profissões ou condições de fortuna dos pais.

A república não fez ainda isso. Não criou o grupo de escolas necessárias para uma educação completa das gerações futuras.

Não seria esta uma ocasião própria para o operariado tomar sobre os seus ombros o encargo de procurar criar alguma cousa neste sentido? Julgamos que com a cooperação de todos os elementos operários que se interessam pela instrução do povo se poderia conseguir realizar uma Escola Modelo, que abrangesse a educação desde os primeiros anos e pudesse ser frequentada por uma população bastante numerosa de alunos, por forma a sentir-se dentro de alguns anos a sua influência nos meios operários.

Seria assim uma maneira de manifestar uma aspiração da classe operária e um primeiro impulso a dar a essa obra de que os republicanos se têm vergonhosamente desinteressado.

Trotsky de novo na politica?

MOSCÓVIA, 27.—Afirma-se que o cargo de embaixador dos soviets no Japão será dentro em pouco confiado a Trotsky. — L.

O preço do pão não será aumentado

... diz o ministro da agricultura

O ministro da agricultura forneceu várias informações à imprensa que se resumem na declaração de que o preço do pão não será aumentado. As cotações do trigo que tinham ultimamente subido nos mercados estrangeiros desceram já, podendo manter-se o actual preço do pão, assegurando ainda a Moagem alguns escandalosos lucros de que ela ainda não está disposta a desistatuar-se.

Promete o ministro da agricultura que usará do maior rigor para com a Moagem no que respeita ao fabrico e ao peso do pão. Disse também que a obrigar a vender pão de luxo quando escasseie o pão de 1.º. É claro que todas estas promessas se fazem a troco de explendidas concessões para a Moagem.

Quanto ao rigor no fabrico e na pesagem do pão, salientamos que essas coisas elementares obrigatórias, mesmo dentro dos processos burgueses, constituem promessas que até hoje se não cumpriram. E a fiscalização do pão, quando se faz, tem sido um negócio de lucro para a Moagem e para certos fiscaes e de prejuizo certo para os consumidores.

Congresso Nacional dos Mineiros ingleses

LONDRES, 27.—Reuniu-se o congresso da Federação Nacional de Mineiros. Assistiu a reunião o sr. Frank, ex-secretário da Federação, e que durante os últimos cinco anos se mostrou partidário de uma política de pacificação. Os congressistas depois de tomarem conhecimento da ordem dos trabalhos, marcaram nova sessão para amanhã. — R.

O PAPÃO...

O Século, para justificar ante as classes ricas que defende, os 10 mil contos por que foi adquirido, voltava ontem a tocar a estafada ari do bolxevismo russo, agitando e exagerando os perigos deste, está claro para melhor vender o seu peixe.

Já aqui dissemos, que O Século precisa convencer-se, no seu próprio interesse, que nem todos os seus leitores são parvos, e não nos parece que a um jornal que pretende ser dos primeiros do país, vá bem a posição ridícula dessas mesquinhas especulações.

Pois não é verdade que é duma grande inferioridade mental pretender-se que, pelo facto de existirem aspectos censuráveis na revolução russa, os trabalhadores e avançados portugueses devem sustar a marcha das suas reivindicações?

Já aqui demonstrámos, com suficientes argumentos, que, em todos os tempos, já-mais as anomalias registadas nos movimentos revolucionários impediram a humanidade de seguir o caminho das transformações sociais.

Não compreendemos a insistência de O Século, tanto mais que nessas especulações nem sempre fala a verdade aos seus leitores. E reputamos grave essa coisa de O Século, tendenciosamente, informar mal os seus leitores, o que nos leva a chamar a atenção dos trabalhadores de todo o país, prevenindo-os de que não podem ter em consideração o que se escreve nesse jornal.

Também achamos pueril que O Século se preocupe com os males do bolxevismo russo, agitando-os como o pior papão, não querendo ver que o pior dos bolxevismos é aquele que estão fazendo entre nós as «forças vivas», que desde a guerra se penduraram as gileas do povo consumidor, enriquecendo, à custa da sua miséria, pretendendo, ainda por cima, levar as classes conservadoras e o próprio exército para uma luta que será das piores consequências.

Se o bolxevismo português das forças economicas está muito mais perto de nós do que o da Rússia, porque se preocupar O Século com este, transgredindo com as forças parasitarias e egoistas que transformaram o país numa feira de interesses pessoais?

Há na revolução russa e no regime que está implantou factos a censurar? Com a autoridade moral que lhe assiste, e que falta ao Século, mais duma vez A Batalha os tem comentado com a maior independência.

Discordamos do mal que se pratica na Rússia, como discordamos do mal que se pratica em Portugal ou em qualquer parte, seja qual for o regime.

Mas O Século chorando lágrimas de crocodilo, pela desgraça que ameaça os trabalhadores portugueses com a hipotética vinda do bolxevismo, ao mesmo tempo que defende a miserável plutocracia formada por todas as sanguessugas que exploram o povo, é simplesmente ridículo.

O pior bolxevismo, entre nós, é o dum comércio egoista, que quiz fazer fortuna em meia dúzia de anos, e que teima em não descer o custo da vida.

O pior bolxevismo é o duma finança infartável e uxorária, que promove especulações asfixiando um país inteiro, colocando-se, covardemente, sob a protecção da força armada.

O pior bolxevismo, é o duma indústria parasitaria e comércio sem educação, incapaz duma audácia simpática que traga ao país um largo plano de fomento ou progressiva transformação.

O pior bolxevismo é o duma oligarquia cínica que só se revolta contra o Estado quando este não lhe satisfaz todos os caprichos e exigências.

O pior bolxevismo é o de alguns novos ricos e ridículos aristocratas que, numa época de miséria, ousam afrontar o povo com o espavento do seu luxo, pavoneando-se em festas que custam centenas de contos de réis.

O pior bolxevismo é o das classes conservadoras que levam a vida inteira, numa furia homicida, pedindo à guarda e à policia que fuze o povo logo que este esboce o mais pequeno protesto.

Finalmente, o pior dos bolxevismos é o das classes exploradoras, na sua maioria vivendo da usura e do lucro ilícito, incapazes de, voluntariamente, fazerem uma justa concessão ao trabalhador—incapazes sempre de qualquer obra gigantesca de educação ou caridade, capaz de abalar a nossa sensibilidade.

Este bolxevismo, cujos crimes poderiam encher muitas páginas de jornal, é o pior de todos. Ele é que provoca e acabará por arrastar o povo para a maior das catastrophes sociais.

Entretanto, O Século, jesuiticamente, não vê, não sente este bolxevismo, que tem mesmo de portas a dentro, e preocupa-se, apenas, com o que vai pela Rússia.

Que autoridade moral tem O Século para falar dos desmandos do bolxevismo russo, desde que pactua, protege, estimula e defende o pior dos bolxevismos, que é o dos seus donos, os exploradores das energias do país?

O aniversário de «A Batalha»

A Associação de Classe dos Tanoeiros de Lisboa teve a gentileza de nos endereçar o seguinte officio:

Presado camarada director de A Batalha — A direcção deste sindicato na sua reunião de hoje resolveu enviar-lhe as suas sinceras saudações pela passagem do 6.º aniversário do órgão dos trabalhadores, fazendo votos pela sua prosperidade e desejando que ele siga sempre a directriz para que foi criado, e que a sua propaganda seja sempre baseada no sindicalismo revolucionário.

Mais saudamos todos os camaradas que trabalham pelo engrandecimento de A Batalha para que ela possa continuar através de todos os sacrificios e perseguições defendendo a causa dos trabalhadores.

A todos, pois, as nossas sinceras saudações sindicistas revolucionárias.—Pela direcção o 1.º secretário—Faustino Ferreira:

O jornal As Novidades referiu-se também amavelmente à passagem do nosso aniversário.

A todos os nossos agradecimentos.

Uma riverada na forja?

Fala-se novamente num movimento militar, de carácter reaccionário, ditatorial, acrescentando-se que os seus organizadores contam com o apoio de todas as classes conservadoras do país. Trata-se dum movimento de reacção política e de reacção económica.

A intriga réles que os jornais das «forças vivas», com o Século à frente, e os jornais monárquicos veem tecendo em torno do exército não visa outro alvo senão o que vem agora surgindo bem claro ante os olhos do povo—desencadear em Portugal um movimento militar, talhado nos moldes de Primo de Rivera.

Neste momento em que todas as ditaduras vão pela Europa derruindo aos poucos, manietando-se nas próprias ruínas que provocam, é que em Portugal alguns reaccionários contando com o apoio immoral das «forças vivas» pretendem implantar um regime de força que traga ao país maiores amarguras, maiores ruínas.

Passou anteontem por Lisboa, um homem que vai ocupar o cargo que um golpe de Estado militar tentara destruir. O regresso de Alessandri à presidência da república do Chile tem um alto significado: o fracasso duma ditadura.

Estes regimes de violência cega só agradam às classes capitalistas, às «forças vivas», motivo porque nos países onde eles se estabeleceram todos contra eles protestam, excepto os exploradores que neles encontram melhor salvaguarda dos seus interesses inconfessáveis.

Em Portugal, são os banqueiros, os grandes comerciantes, os grandes industriais e os monárquicos que mais ardentemente desejam o triunfo duma ditadura militar que será, ao mesmo tempo, o triunfo duma reaccionária ditadura económica que estão preparando e impulsinando.

Sabemos, entretanto, que uma parte do exército está pouco disposta a servir de joguete nas mãos das «forças vivas» e que discordando da violência que se prepara contra o chefe de Estado, levará até onde as circunstâncias o determinarem a sua opposição aos reaccionários e à premeditada ditadura.

Estas informações que hoje tornamos publicas, reforçam o aviso que ontem fizemos ao povo trabalhador acerca dos maneios da União dos Interesses Economicos.

O operariado já sabe que destino lhe está reservado nesse regime ditatorial que militares e «forças vivas» coligados lhe preparam. Todas as pequenas regalias e liberdades de que disfruta o povo trabalhador serão aniquiladas pela força bruta da reacção. E' preciso, pois, que todos os operários e todos os que têm amor à liberdade se preparem para resistir à monstruosidade politica que se anuncia desencadear-se.

No Banco de Portugal

Os accionistas do Estado atacaram a direcção do banco e conseguiram um triunfo parcial da lista do governo

A assembleia geral de ontem no Banco de Portugal teve uma concorrência desusada de accionistas e decorreu com bastante agitação. Motivos: a eleição da direcção e discussão do relatório da gerência. Esta eleição apresentava um aspecto inédito: a presença na assembleia de altos funcionários do Estado e de politicos em evidência que ali iam com acções que o Estado recentemente lhes distribuiu, para defenderem os seus interesses e fazerem virar uma lista official.

O Estado conseguiu assim formular várias acusações à conduta seguida nos últimos anos pelo Banco de Portugal, o que levantou grandes que se deixaram arrastar pelos seus temperamento fogoso e pela sua ansia de lucro, sem ter reflectido se essa attitude seria a mais justa. Outros, accionistas mais astutos deixaram-se ficar sossegados, pensando que não conviria fazer ruído ou usar de energia desde que não tivessem um resultado útil para os seus desejos.

Um dos representantes do Estado, o sr. Mateus Aparício, da Caixa Geral de Depósitos, atacou veemente a direcção do Banco. Acentuou que o Banco não colabora na melhoria cambial.

Afirmou que ele não auxiliou nem o comércio, nem a industria porque não quiz. Tinha dinheiro para o fazer, a sua carteira em ouro poderia dar os escudos que faltassem ao mercado. E preferiu em vez de prestar esse auxilio conservar o dinheiro fechado nos cofres.

Teria sido desnecessário aumentar a cir-

«BLAGUE» ALEMÃO

Uma fortuna sem valor
Alguns milhões de milionários arruinados para sempre
Onde pode conduzir a avaréza!

Desde que o mundo é mundo, a paixão pelo dinheiro tem sido sempre notável entre os homens. Existe em cada individuo, salvo raríssimas e honrosas excepções, um avarento feroz que gosta de ter muito em segredo suas moedas de ouro que, de noite, quando ninguém o vê, acaricia com deleite como se acarinhasse a própria felicidade materializada em moeda.

Esta verdade psicologica tinham os alemães conhecimento profundo. Empreendedores, espertos, resolveram aplicar a um negocio formidável esse conhecimento perfeito da psicologia humana. Criaram então a industria do marco, a mais efémera e florecente de todas as indústrias. Fábricas tecnicamente perfectas começaram a fazer milhares, milhões de notas semeadas de arabescos lindos, de desenhos exóticos entre os quais sobressaíam em belos números redondos as quantias que significavam: 20.000 marcos, 100.000 marcos, 500.000 marcos!

Por essa Europa e por essa América os bancos encheram-se a abarrotar dessas notas maravilhosas que se vendiam por quantias irrisórias. Adquirindo algumas notas daquelas por um ou dois tostões, poderia qualquer cidadão ascender a milionário, dum momento para o outro.

A esperança numa valorização do marco, na reconstituição económica da Alemanha, levou muita gente a empregar as suas economias nessas notas de milhões de marcos. Bastaria que cada marco se valorizasse em meio centavo para que uma verdadeira fortuna entrasse scelerem em casa de muitas pessoas pobres. Mas o maldito marco nunca se valorizou, cada vez se vendia mais barato... estava pela hora da morte. Houve ingleses que, com uma libra de marcos, forraram toda a casa de notas germânicas que faziam mais vista do que o melhor papel de forrar casas.

E, entretanto, nos bancos alemães ia caindo em escudos, em libras, em dólares, em francos, em pesetas, em todas as moedas do mundo o produto dessas belas notas que não passavam de papéis pintados.

E quando os alemães notaram, pela falta de procura, que o seu produto industrial—o marco papel—já não se vendia, guardaram bem o seu dinheiro, o dinheiro dos que queriam ser milionários e decretaram a desvalorização absoluta da moeda que venderam.

Agora por todo o mundo os compradores agitam indignados os papéis sem valor, os marcos, os milhões de marcos...

Havia quem tivesse todos os seus marcos depositados em várias casas bancárias. Há pouco tempo algumas dessas casas avisaram os depositantes de que essas fortunas só valiam alguma cousa se atingssem a quantia de um trilhão de marcos papel. Sim, um trilhão de marcos papel vale um marco ouro e este—traduzido em português—corresponde a cinco escudos. Para obter cinco escudos é preciso possuir-se um trilhão (1.000.000.000.000) de marcos papel.

Esta blague que bastante dinheiro deu à Alemanha não poderia ter-se sustentado um só minuto se a avaréza, cegando o homem, não tivesse levado milhões de criaturas, em todo o mundo, a acreditar que os alemães seriam capazes um dia de trocar por dinheiro autentico a formidável fortuna de papel colorido que espalharam pelo «globo».

REPUBLICANIZAR

Os jornais monárquicos inventaram uma nova significação para o vocabulo republicanizar e estão-nos empregando na aceção de rapinar. Republicanizaram os politicos já os Transportes Marítimos e vão agora republicanizar o Banco de Portugal. O mais curioso é que O Século, que ainda não teve a coragem moral de se declarar monárquico, adopta também o termo e a sua especial significação de proveniência monárquica.

culação fiduciaria se o Banco atirasse para o mercado os seus valores—ouro, que ainda por cima venceriam o juro de 9%. O Banco não teria razão de existir senão fosse o Estado e contudo não lhe tem prestado o menor auxilio.

Este discurso foi entrecortado por protestos e violentas pateadas de muitos accionistas.

O sr. Alfredo Ferreira, comerciante enriquecido pela guerra, novo rico, portanto, falou naquella sua linguagem pobre e desleal em extremo.

Do seu discurso merece destacar-se esta frase, suprema defesa do Banco de Portugal: «Os homens que têm estado à frente do Banco têm dado altas provas de inteligência e de honestidade e bem fez o Banco em não se meter em negócios duvidos como tantos lá de fora».

Esta frase visa directamente as «forças vivas». Estas que agradecem, se quiserem, o ataque que por descuido o seu correligionario lhes fez!

O sr. Alvaro de Castro conseguiu com a habitual habilidade dos politicos deitar água na ferveria embrulhando tudo, dizendo que os interesses do Banco são os do Estado, que defendendo os interesses deste também defende os daquelle e vice-versa.

Por fim lá se fizeram as eleições vencendo parcialmente a lista do governo, com evidente exaspero dos accionistas mais sinceros e exaspero dissimulado dos accionistas mais astutos...

NA AMÉRICA

Uma lei curiosa sobre o casamento

WASHINGTON, 27.—O senador Dupont Ridgely apresentou um projecto de lei autorizando os casamentos provisórios por um ano.

Se ao fim desse lapso de tempo não houver razão para divorcio este nunca mais será permitido entre os conjuges.—(L.)

O próximo Congresso Confederal

O Congresso Confederal vai realizar-se brevemente. E' de esperar que essa grande reunião magna do proletariado militante seja revestida da importância que actualmente possui, na sociedade portuguesa, a Central dos sindicatos operários. Todos os militantes que nela irão tomar parte saberão demonstrar, pela sua attitude e pelas suas palavras, que têm a consciência da fase grave que o mundo apresenta.

Por toda a parte, a questão social vai assumindo foros duma verdadeira batalha, duma guerra social cujo front se alarga por todo o mundo, visto que é de todos os seus continentes a existência de explorados e de exploradores.

Essa luta tem tido o mérito de separar as classes, tornando assim impossível a existência de equívocos, por muito dourados que eles sejam pelas declamações líricas dum rejuvenescimento artificial do espirito democrático. As ditaduras, consequência da vaga nacionalista surgida da guerra, desapareceram ou arrastam uma existência grotesca como a de Rivera, ou se socorrem de torpes expedientes como a de Mussolini. Só aqui semelhante loucura pretende vingar e enraizar-se.

Os militantes que forem ao Congresso saberão ter, em linha de conta, as responsabilidades que o momento excepcional que decorre reclama.

Para que o Congresso possa resultar útil à causa da emancipação humana é necessário que ele seja metódicamente preparado, de maneira a serem discutidos de preferência os assuntos mais importantes e que essa discussão possa ser o mais proveitosa e esclarecedora que fôr possível dentro do exíguo espaço de tempo em que ele tem, inevitavelmente, de estar reunido. Uma das maneiras de os assuntos serem bem discutidos, está na publicação regularmente antecipada das teses. Não é com a publicação desses documentos quasi coincidente com a realização do Congresso que eles podem ser estudados com o cuidado requerido. E' de esperar, pois, que as teses sejam publicadas com a indispensável antecedenção.

Há problemas—entre os que costumam ser discutidos em reuniões desta natureza—que estão longe de estar resolvidos e que são em tudo dignos de ocupar a atenção dos que tomarem parte no Congresso Confederal. Entre eles encontramos, por exemplo, o da hygiene nas fábricas e oficinas. Todos os que nelas trabalham reconhecem, porque o experimentam na sua saúde rudemente abalada, que os industriais cometem verdadeiros crimes, com o seu desprêzo pela vida e pela hygiene dos que trabalham. Há fábricas e oficinas que são piores do que currais; que são currais homicidas porque acabam sempre por transformar-se em cemitérios de operários.

O problema da protecção à mulher na industria reveste aspectos bem graves, quer morais quer economicos, que a esmiuçar aqui tomariam todo o espaço deste artigo.

E o auxilio aos menores? a esses menores que em bem tenra idade são já indignamente explorados e que chegam à adolescência atrofiados, esgotados, com todos os desoladores e alarmantes sintomas da tuberculose?

Os problemas da instrução e da educação são também muito importantes.

Oxalá—e tudo leva a crer que assim seja—que o próximo Confederal discuta e delibere sobre todos os grandes assuntos que interessam a todos os que trabalham. Se o fizer este Congresso, que em breve se realiza, marcará nas lutas operárias, como uma etapa brilhante do árduo caminho que ainda fica por percorrer.

EM FRANÇA

Os funcionários ante os sindicatos

PARIS, 27.—O ministro do interior numa entrevista concedida aos jornais declarou que o governo vai levar ao parlamento uma proposta de lei reconhecendo aos funcionários públicos o direito de se sindicarem, esclarecendo, porém, que o direito sindical não quer dizer o direito à greve.—(L.)

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

PROBLEMAS DE HOJE

A raça negra e a civilização

O continente africano nem sempre esteve mergulhado na barbarie—Os negros progredem por toda a parte

Felizmente vai-se desfazendo a lenda de que a raça negra é uma raça inferior. O facto do continente africano se encontrar na sua maior parte num estado de selvajaria lamentável, não prova a inferioridade da raça que o povoa. Então, também pelo facto de em épocas remotas o norte da Europa ter estado mergulhada num perfeito barbarismo deveria conduzir os civilizados de então ao raciocínio fácil de que já-mais os povos barbaros atingiram a civilização superior que hoje possuem.

Estudos ultimamente feitos em África demonstram que, ao contrário do que muita gente supõe, a raça negra teve uma civilização forte que foi decaindo até conduzi-la ao estado de atraso em que se encontra.

Os ingleses que mais se têm dedicado ao estudo destas questões conseguiram já obter dados interessantíssimos sobre algumas épocas da civilização africana, pelos quais se verifica que existiram em África homens de grande envergadura mental que deram a inúmeras tribus, hoje decadentes e dispersas, a unidade e o carácter dum grande povo que se distinguia pela sua formidável organização militar. São apontados os habitantes da Abissínia como descendentes desse povo, que várias convulsões sociais arremessaram para o oriente africano onde se estabeleceram e onde defendem ainda ciosamente a sua independência dos ataques que lhes move o imperialismo europeu—o italiano, principalmente.

Após alguns séculos de apatia, de vida vegetativa, os africanos começam agora a despertar para a vida civilizada. Os que o acaso colocou na Europa ou na América adaptam-se facilmente à vida da civilização, revelando um nível mental não inferior ao do meio em que vivem e dando ao mundo intelectual valores preciosos, colaboradores que se destacam, por vezes, pelo seu talento excepcional.

São numerosos os homens de cor que hoje disfrutam de situações de destaque nas artes, nas letras, nas sciencias, o que prova que a raça negra não é, como ainda há quem sustente, inferior e incapaz de assimilar a civilização.

Depois da guerra o movimento emancipador da raça negra acentuou-se por toda a parte. Na América do Norte, onde aquela raça tem sido estúpida e barbaramente guerreada, ela vai conquistando terreno com segurança e tenacidade. Em alguns Estados os negros já possuem as suas escolas, as suas universidades, os seus sábios—envergando alguns Estados da Europa, como Portugal por exemplo. A despeito da perseguição acinosa de que são vítimas os negros progredem nas suas artes, nas suas indústrias, preparando-se para igualar, senão para ultrapassar em progresso, outros Estados constituídos por brancos.

As colónias portuguesas encontram-se num povoroso estado de atraso. Mas a culpa não é dos pretos é dos brancos que, indo para a África com a ideia única de alcançar fortunas, não contribuem para uma obra de civilização que moralmente seriam obrigados a iniciar.

Competiria aos individuos da raça negra que na Europa adquiriram maior cultura fazerem pressão sobre o Estado para que nas colónias se principie a cuidar da educação dos indigenas.

CONFERÊNCIAS

«A Educação Popular pelo Teatro»

Amanhã, domingo, pelas 21 horas, realiza-se na sede da Associação de Classe de Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.ª, uma conferência pelo professor sr. Cesar Porto sob o tema «A Educação Popular pelo Teatro».

A entrada é pública.

«Influência da literatura»

O sr. dr. Câmara Reis realiza amanhã, pelas 14 horas, na Associação dos Trabalhadores do Mar de Setúbal, onde está instalada a 7.ª secção da Universidade Popular Portuguesa, uma conferência subordinada ao tema «Influência da literatura em geral e em especial do romance».

EM MONTEMOR-O-NOVO

Vai inaugurar-se nma Biblioteca Operária

O operariado de Montemor-o-Novo vem desenvolvendo uma acção educativa naquelle interessante villa alentejana, que merece a simpatia de todos os que ardentemente desejam um futuro melhor.

Além das numerosas conferências educativas que ali se realizaram, vem sendo preparada há tempos uma biblioteca operária que será inaugurada no próximo dia 8 de Março.

Este facto, que não pode passar despercebido entre nós, demonstra à classe capitalista que o operariado não se preocupa apenas com o seu bem-estar económico, antes entende que a sua emancipação depende também do seu aperfeiçoamento espiritual.

A inauguração da «Biblioteca Operária de Estudos Sociais e Profissionais Montemorense» assistirão representantes da Associação dos Professores de Portugal, União do Professorado Primário, Universidade Popular Portuguesa e Confederação Geral do Trabalho.

Nesse dia, pelas 21 horas, o camarada Gonçalves Correia realizará uma conferência sob o tema «Caridade e Solidariedade».

Entre o operariado de Montemor-o-Novo lavra grande entusiasmo por esta obra educativa que merece as simpatias de toda a gente.

O Teatrinho Juvénia

Uma bela iniciativa que se converteu numa esplêndida realidade!

A educação artística do proletariado está por fazer. Ele está envenenado por uma arte industrial, toda arqui-burguesa e falsa, arte feita—referimo-nos ao teatro—com um exclusivo fim de bilheteira. Daí a ainda haver quem se comova com tenebrosos melodramas, em vez de ver como o está a pedir a inverosimilhança das cenas dos personagens e a contextura málica dos entrecos. Os teatros que para aí existem não interessam ao proletariado, pois limitam-se a representar peças de mulheres que enganam os maridos e estes se conformam ou não, aí pelas alturas do último acto, ou então pornografia irritante ou ainda operetas que metem Maxim's e garrafas de pseudo champagne ao som de música.

O Teatrinho Juvénia, aliás Escolas Gerais, vem preencher essa lacuna, pois destina-se principalmente a contribuir, por meio de peças boas, para o levantamento moral e artístico do povo. É um teatrinho de aspecto atraente, dispondo dum número relativamente reduzido de lugares—cerca de 150—o que permite que se possa ouvir e ver bem. Os seus preços, de acordo com os fins a que visa, são acessíveis à bolsa dos trabalhadores.

As iniciativas que como esta têm tido grande alcance social merecem ser auxiliadas. Seria um erro, um grande erro, que as aspirações do proletariado em se modificar no sentido dum moral mais humano e dum educação artística mais elevada, ficassem sempre num estado de mero anseio. Por isso, quando surge uma iniciativa que vai de encontro a essas aspirações, o proletariado tem o dever de se interessar por ela, pois é a maneira de se interessar por si, cuidando do que pretende, e muito simplesmente, possuir.

O repertório do Teatrinho Juvénia está escolhido de maneira a satisfazer o proletariado. As peças que o compõem têm entrecos, sentimento, ideias. Não são perorações vibrantes e fastidiosas. As ideias brotam naturalmente dos conflitos, do meio ambiente e da psicologia dos personagens. São peças humanas, com personagens verdadeiros, integrados numa vida real. A humanidade que delas resalta emociona fortemente e faz pensar. Se o proletariado as for ver realiza para si próprio uma esplêndida obra de educação artística pela arte, que é o pensamento feito beleza e o sentimento tornado ideia.

Todas estas peças serão interpretadas por alunos de Araújo Pereira, o ensaiador mais metódico e o maior idealista do teatro.

É hoje que se estreia nessa nova casa de espectáculos, sita à rua das Escolas Gerais, o original num acto do escritor Pedroso Rodrigues, que se intitula «A Cidade». O improviso da acção e a beleza do diálogo empolgarão decerto o público culto que frequenta o Juvénia e que terá ocasião de apreciar também o mérito dos dois alunos—A. Estêr do Monte e o sr. César Viana—que se apresentam pela primeira vez.

A acompanhar «A Cidade» repete-se a linda peça «As Irmãs».

Serões de arte na Universidade Popular

A Universidade Popular Portuguesa promove para meados dos meses de Março, Abril e Maio três serões de arte, na sede, destinados aos sócios, o primeiro sobre arte social, o segundo constituido pelos mais selectos trechos de música de alguns países e com recitativos adequados e o último sobre arte sacra, sendo conferentes, respectivamente, os propositores srs. Freitas Branco, Oliveira Ramos e António Arrais, estando também assegurado o concurso de alguns dos mais distintos artistas portugueses.

Continua funcionando regularmente o curso sobre higiene e puericultura, destinado a senhoras de quaisquer classes sociais, regido pela médica sr. D. Adelaide Cabete, cujas lições são às segundas-feiras, das 21 às 22 horas, não tendo sido encerrada a inscrição. O curso de educação para a vida, que é dirigido pelo professor sr. Emilio Costa e frequentado por operários, tem hoje mais uma lição.

NO NACIONAL

Hoje ainda se repete a alegre peça de Lorj Tavares, «Inglês...» neste teatro onde pela interpretação brilhante, tanto se distinguem os artistas que a interpretam, salientando-se José Ricardo, Hilda Stichini, Rafael Marques e Clemente Pinto.

Trabalhistas e sindicalistas ingleses de acordo com a Conferência do Opio

LONDRES, 27.—A comissão executiva do partido trabalhista e o conselho geral do congresso dos sindicatos operários aprovaram em conjunto uma moção dando o seu apoio ao protocolo de Genebra.—(L.)

Sociedades de recreio

Concentração M. 24 de Agosto.—Hoje recita e baila.

—Amanhã, baile da Pinhata.

Agremiações várias

Associação de Beneficência de Muge.—Reúne a assembleia geral no dia 12 de Março para nomeação de nova direcção.

Liga Pró-Moral.—Realiza amanhã uma festa com entrada livre na Academia Recreativa Operária Beateense, rua do Açúcar, 123, 1.º

Quinta-feira 5 DE MARÇO faz-se «reprise» da espietosa comédia

Madame Elfié no teatro de São Carlos para reparação da Companhia LUCILIA SIMÕES sob a direcção artística de LUCINDA SIMÕES 4 UNICAS RECITAS 4 PREÇOS: «Fautuils», 9200; Camarotes, 10200; 20200, 20200 e 12200; Galeria, 2250. NÃO HÁ LOCAÇÃO

Segunda-feira—9 de Março reparação da genial artista Lucinda Simões na peça de Carlos Seligman

NINHO DE AGUIAS

A situação em Espanha

Porque subiu o Directorio ao poder

Entre as várias coisas que chamaram a atenção do povo espanhol para os actos do rei, figura, referindo-nos à sua intervenção anti-constitucional em Marrocos, dois outros feitos que bem apresentam e desmascaram o famoso ex-sabio.

A catastrophe do Riff é um caso sem precedente nos annos da história, pois em algumas horas (que lição para os militaristas afonsistas!) se perdeu um território conquistado em mais de 12 annos de esforços e sacrificios, catastrophe ocasionada pela velocidade de um rei que fez a constituição em farrapos com ou sem a anuência de seus ministros.

Afonso XIII tornou-se mais absoluto que o seu farragoso bisavô Fernando VII quando teve um excesso de pretendido patriotismo e enviou para a guerra nada menos do que um exercito de 150.000 homens para vingar a «honra» ultrajada; e enquanto o país fazia este esforço sobrehumano, as mães choram, os pais maldizem o culpado que lhes arrancou os filhos para essa guerra repudiada por todos e os soldados morrem nessa batalha infernal que só o rei quiz e quere. Em todos os lugares se respira um âmbito de dor e tristeza, e a nossa pena é incapaz de descrever a indignação, que sentimos.

O que se passou durante essa época é tão inconcebível, que não há nenhum ser humano que não proteste ante tanta dor, tanta lágrima e tanta desdita. Enquanto os soldados combatiam com heroismo naquelas terras ingratas, Afonso o «Insensível», o «Africano», dirigia-se, fazendo de «reclame» a praia francesa de Deauville, onde fez de «clown» com as celebres cortezias que concorrem a esse centro de corrupção.

A imprensa mundial, assombrada por este espectáculo, comentou a atitude deste rei, enquanto o povo se sacrificava por sua culpa, ele continuava a sua vida de orgia e prazeres, dando a ideia de que os espanhóis eram um povo abjecto, castrado... O povo rugiu e rugiu, e até penas reaccionárias como a de Picabea (Alcibar), proprietário do «Povo Vasco», de San Sebastian, se levantaram indignadas ante tamanho desatino.

Mais tarde este mesmo jornalista combateu a corrida de cavalos de Lasarte, onde o famoso «cavallo do rei», «Ruban», ganhou... o premio. Quando chegaram ao cumulo as estronices de «O Africano» teve de subir ao poder o Directorio com o fim de encobrir o rei e os militares culpados.

No meio militar espanhol há muito bons elementos, mas os que regem são elementos formados da escola do povo; neste existe uma grande massa consciente, mas o elemento «são» está no cárcere (calcula-se em 25.000 os presos políticos) e há mais, muitos mais foragidos no estrangeiro, até ao dia em que os verdugos pagarem os seus crimes horroresos e que isso imperdoáveis.

JUAN ESPAÑOL.

Queixas e reclamações

Em Monsanto

Queixaram-se-nos os presos da cadeia de Monsanto da má qualidade do rancho, que além de conter inúmeras matérias impróprias para a alimentação de homens, consta de pouco mais que caldo.

Lede o Suplemento de «A Batalha»

DENTES ARTIFICIAIS em 2500. Extracções em dor, a 1000. Consulta especial das 10 a 11. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação S. M. dos Empregados do Estado.—Com a nomeação da nova direcção e as alterações introduzidas nos estatutos espera-se que esta agremiação entre num período de grande desenvolvimento.

Lucília Simões

Está despertando grande interesse a «reprise» da linda peça MADAME FLIRT que sobe à scena no São Carlos quinta-feira 5 de Março para reparação da companhia Lucília Simões e ainda por se saber que é esta artista, a protagonista da espietosa comédia em que apresenta lindas e originais «toilettes» e onde os scenários cheios de realismo tornam ainda mais elegantes as situações deveras «chicas» de muitas das suas interpretações.

INSTRUÇÃO

Escola Industrial de Cerâmica Passos Manuel

Escreve-nos um industrial de cerâmica de Vila Nova de Gaia protestando contra a nomeação para uma importante cadeira daquella Escola, recentemente criada em Gaia, dum professor que considera incompetente para leccionar a disciplina que lhe cumpre e que tem uma grande importância para a industria cerâmica.

VIDA ANARQUISTA

Grupo «Terra Livre».—Reúne, hoje, pelas 20 horas.

Cinema Gil Vicente

64—Rua Vey do Operário—64 (a 611111) completamente remodelado e confortável e onde serão corridas filias dos cinemas

TIVOLI, CONDES E CENTRAL

HOJE — GRANDE SUCESSO — HOJE

Revista mundial n.º 3 (1.ª parte)

A Batalha (8 partes)—Film emocionante e de sucesso mundial

Fatunção, picador (duas partes)

Ataque nocturno (duas partes)

Preços populares

Camarotes, balcões, «fautuils» e cadeiras (geral)

Brevemente «matinées» elegantes

AS QUINTAS-FEIRAS dedicadas a sociedade elegante dos bairros da Graça e arredores

Os livros e os autores

A CRISE ECONOMICA — seus aspectos essenciais — estudo pelo engenheiro Perpetuo da Cruz

Num pequeno volume bem apresentado, edição Spartacus publicou, há poucos dias, um estudo intitulado «A Crise Económica», o engenheiro sr. João Perpetuo da Cruz.

Basta o nome da obra para se avaliar da sua oportunidade, e não representa o menor favor a afirmar-me que ela é um estudo bem conduzido, embora nos não venha surpreender com qualquer novidade ou inédita solução.

Divide o autor a crise em três aspectos: crise financeira, crise económica e crise social.

Estudando cada um destes aspectos, com números e gráficos acciados da crise financeira conclue que se trata, apenas, dum crise de confiança e que são precisos 10 milhões de libras para a solucionar; acrescenta que é perigosa a desvalorização da moeda, porque mais agrava a crise, pela fuga de ouro a que dá lugar.

Sobre a solução da crise económica, defende a intensificação da produção, introduzindo e aperfeiçoando a maquina, ao mesmo tempo que se alargam as relações de solidariedade internacional.

Finalmente, acerca da crise social, entende o engenheiro sr. João Perpetuo da Cruz que se deve fomentar uma organização baseada na federação das classes, como unidades produtoras, mostrando-se favorável à luta sindicalista.

O resto, confia o autor do estudo ao Tempo, que espera nos levará numa tragicomédia de equilíbrio.

É um estudo delineado com clareza, bem escrito, embora — repetimos — não contenha materia nova e não abra qualquer caminho pratico ao pensamento social contemporaneo.

Edição, já o dissemos, bem apresentada.

SAO PAULO — Trovas por Beatriz Arnaut

Só há poucos dias me foi dado ler, com o devido cuidado, o novo livro de versos intitulado «Saúde» da poetisa Beatriz Arnaut.

Neste seu livro são evidentes os progressos que a poetisa marca sobre o seu primeiro volume «Máguas da mocidade» e outras produções anteriores. Todavia seria uma mentira inflar, é menos honesta, como todas as mentiras, se dissessemos que o livro de agora nos agrada totalmente.

Há neste livro «Saúde» uma inspiração de coisas simples, sinceras, delicadas, que aliciam a nossa simpatia, e em todos os versos se sente, anceda e melancólica, a alma da mulher, mas a arte tem hoje exigências que vão além do sentimentalismo, e por isso Taine, se hoje vivesse, teria de alargar um pouco mais a sua forma simplista, embora simpática.

Isto quer dizer que Beatriz Arnaut, sem por de parte a sua simplicidade, tem de cuidar melhor da forma, enriquecer o estilo, criar no ritmo dos seus versos aquela musicalidade aquella harmonia de que não pode prescindir uma arte tam delicada.

«OS QUATRO CAVALIROS DO APOCALIPSE» — romance de Vicente Blasco Ibañez

Blasco Ibañez, embora com uma obra literaria bastante desigual, é hoje um nome que ressoa em todo o mundo, e ninguém poderá contestar que ele é um verdadeiro obreiro das letras. Todos os seus livros têm obtido grande êxito, e neste caso se conta uma das suas ultimas obras, intitulada «Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse», de tão grande nomeada, que até dela se extraiu um famoso «film» que deu volta ao mundo.

Pois é esse romance «Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse», que Livraria Peninsular Editora, vem de lançar a publico, num edição bem cuidada e escripturalmente traduzida, pelo sr. Raul Proença, publicista dos mais probos e distintos, o que representa sólida garantia quanto a forma como a obra foi versada em português.

Quanto ao entrecos do romance, já conhecido do «cérano», ele tem todos os requisitos dum agradável leitura popular, cerca de 400 páginas, onde se desenrolam os mais empolgante episódios da grande guerra.

Os quatro ginetes do apocalipse são aquele grupo symbolico que vem dos primeiros tempos do cristianismo, representados pela Fome, Peste, Morte e Guerra; síntese macabra que o escritor focou, uma vez mais, neste seu romance.

Edição bastante cuidada.

«O MODELO» — novela de Jaime Langá

O n.º 10 da série da «Novela Contemporanea» foi preenchido por um trabalho literario de Jaime Langá, novela de enoção e cuidado arranjo, que bem documenta o temperamento literario daquele nosso camarada de imprensa.

Intitula-se esse trabalho «O modelo», motivo romantico dum escultor que leva a vida a roubar a posse dum modelo onde pensa realizar a sua obra. Um dia encontra a mulher que consente em ser o sonhado modelo e, depois, vem a ser a sua amante.

Mas o artista, apaixonado pela estatua, esquece a amante, e esta vinga-se destruindo a obra. O resto é a sequência tragica, com loucura e morte, conforme este genero de novelas.

O motivo, que não é novo, estando até bastante explorado, foi bem defendido por Jaime Langá.

JULIANO QUINTINHA

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Deram entrada na Morgue, Antonio Rodrigues, de 80 annos, sapateiro, morador na calçada do Marquez de Abrantes, 108, loja e João Franco, morador na calçada da Boa Hora, que faleceram nas residencias sem assistência medica.

Eden Teatro

(Telefone Norte 3800)

AMANHÃ: DOMINGO INAUGURAÇÃO

ESPECTÁCULOS POR SESSÕES

às 10,45 (3.ª) e às 22,45 (10.ª)

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da mágica de ERNESTO RODRIGUES

e de CARLOS CALDERÓN

A SEMANA DOS 9 DIAS

desempenhada por toda a

Companhia OTELLO DE CARVALHO

e com encenação desse artista

Variaes scenarios

PREÇOS POPULARES

Re seguir, um espectáculo inteiro: Festa artística de NINETE SEMANAS, com a 2.ª representação de «O SEPTENTRION DOS 9 DIAS» e o quadro «Little Palace», da revista «GIGI JOON».

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro São Luís

O Orfeon Donostiarra

A impressão mais forte que trazemos do Orfeon Donostiarra, de San Sebastian, que ontem abriu brilhantemente os seus recitais no Teatro São Luís é a grande coesão que apresenta. Era bem um exame que se fazia a este vigoroso e afinadissimo núcleo vocal, o programa que lá desde a música italiana do século XVI até ao inspiradissimo francês Berlioz na «Damnation du Faust» em que a perfeição vocal atinge o máximo de sonoridade. O concerto começa tarde, mas assim se justifica se attendermos a que os principais números que o compõem, são de pouca extensão.

A disposição do Orfeon em scena assume uma extrema simplicidade; as figuras femininas occupam a frente do grupo; destacam-se pela alvura das suas vestes no fundo negro do departamento vocal masculino, em que, ao contrário do primeiro, se vêem todas as idades. O grupo feminino tem mais frescura, sem necessidade de recorrerem ás virtudes do sexo. Misturam-se nêles, como que a dar-lhe mais vigor ainda, três executantes de pequena idade, calções a cobrirem-lhe as pernas nuas, os rostos a florescerem numa alegre mocidade; são dos mais atentos.

Todos os nêipes são por igual prestimosos, parecem-nos porém que têm mais consistência os baixos e os contraltos.

Os solistas cantam garbosamente, na accentuação característica da sua lingua, chegando-se a perceber certos «soutiques», dialectais.

Mórmente nas canções vascas esse vinco é notório e aí se serve ao relvêo da mítica. Merecia detença esta noticia, mas falta o espaço. É preciso concretizar a apreciação. Façamos o pois. O orfeon é um esplêndido núcleo de artistas, na posse infesta dos seus recursos vocais, na compreensão nítida da responsabilidade dos trechos que executam.

A execução do «Credo» da Missa de Palestrina, dedicado ao pai Marcelo, foi impecável, como o foi também o coro da lãberna da «Damnation».

A regência, dum sobriedade aliás vulgar, dá-nos a entender que ela tem absoluta confiança nos orfeonistas.

Muitos aplausos. Números bisados e fora do programa como «Lágrima Celeste» do distincto musicógrafo Isidro Aranha. Houve a costumada má criação nas entradas na sala, fora da hora. O que dirão os espanhóis de nós? A pesar disso muita gente de casaca e smoking.

Salmos da primeira recita do Orfeon Donostiarra, completamente satisfeitos e pensamos, então, no que teriam ficado as negociações entabuladas entre a Associação dos Músicos Portugueses e os representantes dos Sindicatos dos Arsenalistas, para a efectivação do grande Orfeon do Povo, idea por nós lançada no Suplemento de «A Batalha».

NOGUEIRA DE BRITO.

Coliseu dos Recreios

É hoje, como se tem anunciado, que o Coliseu dos Recreios inaugura a sua última época de circo, com a estreia de uma nova companhia que vem precedida da maior fama, pela novidade, originalidade e perfeição dos seus trabalhos, alguns deles de completa novidade para Portugal, como o executado pelas «Siphides», quatro formosíssimas mulheres que voarão pela vasta sala do Coliseu entre cambiantes de luz, de um deslumbrantissimo efeito, e como o de Fred Carr, que executa os mais extraordinários números com o auxilio da electricidade, chegando a conseguir que uma galinha ponha ovos.

Cinema Gil Vicente

Inaugurou-se na quinta-feira o primeiro salão baírrista da Graça, no antigo teatro Gil Vicente, completamente remodelado. A assistência foi grande, casa cheia, e o programa foi dos melhores. O «film» As Pupilas do Senhor Reitor, em que o grande actor Eduardo Brazão tem um soberbo trabalho, faz parte do programa da noite, bem como outros «films» de arte.

Noticias

—Na próxima terça-feira não haverá espectáculo no teatro Nacional, para se proceder ao ensaio geral da nova peça «Vivette» em que reaparece Cremilda de Oliveira, e que ali sobe à scena no dia seguinte.

—Amanhã, no Eden Teatro, inauguram-se os espectáculos por sessões e a preços populares, indo à scena, pela primeira vez, a grandiosa mágica «A semana dos nove dias», peça que faz rir a valer, sem recorrer ao dito inconveniente, ou a equívoca situação: «A semana dos nove dias» tem 2 actos e 7 quadros assim intitulados: «O oráculo», «Eureka», «O Penacho», «Em ordem de marcha», «A ilha dos kágados», «Salve-se quem puder», e «O regresso», terminando por uma apoteose de grande efeito.

—Caso aceite o contracto que lhe foi proposto, a gentil actriz Maria Alves seguirá em Maio à frente de uma «troupe» com o seu nome, composta de seis senhoras e quatro homens, que irá explorar o género ligeiro, percorrendo a Africa Portuguesa e Inglesa e Congo Belga.

—Realiza-se na próxima semana, no Eden Teatro, a festa artistica da gentil e distincta actriz cantora, Adelina Fernandes, sendo o espectáculo inteiro e repleto de atrações, pois consta da mágica «A semana dos nove dias», e ainda mais do quadro «Little Palace», da revista «Giga-Joga».

—Mais uma vez em ultimas representações—sobe hoje à scena do Politeama a engraçadissima e aplaudida revista em 1 acto e 3 quadros «Vem cá não tenho medo...» e a comédia «Outro eu», interpretada por toda a companhia Rey Colaco-Robles-Monteiro e com Nascimento Fernandes.

Rêclames

Hoje, no teatro Nacional, sobe pela penultima vez à scena, a finissima comédia de Lorj Tavares, «Inglês», que tanto e tam justificado agrado tem obtido e que sai da cartaz ainda em pleno êxito.

—Apoz a doença da actriz Guilhermina Paiva, retoma hoje a sua gloriosa carreira a magnifica revista «Mola Real», que no teatro Apolo tem feito um extraordinario sucesso. Nas duas sessões desta noite fazem a sua estreia seis novos números, com que a deliciosa revista foi enriquecida.

MOLA REAL

Deveras sugestivos os números: «Moedas vivas», «A Gargone», «Familia de Enguiças», e «Dr. Piranga», com que foi ampliada esta magnifica e popular revista em scena no Apolo.

CRUZ VERMELHA

A comemoração do seu aniversário

No próximo dia 1 de Março, pelas 21.30 horas, nas Salas da Câmara Municipal de Lisboa, effectua a Cruz Vermelha Portuguesa uma sessão solene comemorativa do seu 60.º anniversario.

Presidirá o chefe do Estado que é presidente protector da Cruz Vermelha e assistirá o corpo diplomático, governo, entidades officiais, etc.

Nessa sessão usará da palavra o tenente-coronel sr. Pires Monteiro, o dr. sr. José de Abreu e Afonso de Ornelas.

Os sócios da Cruz Vermelha residentes na Holanda, enviarão um delegado especial para assistir a esta sessão, onde entregará uma mensagem em pergaminho, assinada pelo príncipe Henrique, da Holanda, presidente honorário da Cruz Vermelha Portuguesa, e uma rica placa de prata com uma inscrição referente a esta instituição em Portugal.

Esta instituição exporá numa das salas da Câmara Municipal, vinte e duas bandeiras historicas, que serviram nos diferentes hospitais de sangue na India, norte de Moçambique, sul de Angola, França e Portugal e diferentes diplomas recebidos por serviços prestados.

DESPORTOS

Futebol

Realizam-se amanhã, domingo, os seguintes desafios da Liga Operária de Desportos Atléticos:

1.ª categoria: Esperança contra o Rio Sêco no campo das Salecias, às 16 horas.

2.ª categoria: Nacional contra Vendedores de Jornais, no campo da Estrangeira, às 14 horas; Rio Sêco contra Lusitania, no campo das Salecias, às 14 horas.

3.ª categoria (2.ª série): União Portugal contra Casalinho, no campo da Estrangeira, às 12 horas; Estrangeira contra Sporting de Santos, no campo da Estrangeira, às 10 horas; Gibraltar marca dois pontos ao Lusitania; Calvario marca dois pontos ao Boa Hora.

4.ª categoria (1.ª série): Oriental contra Gibraltar, no campo das Salecias, às 12 horas; Carris contra Triangulo, no campo das Salecias, às 10 horas; Lusitano-Lisboa, uma derrota a cada.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Endereço à administração de «A Batalha»

FACTOS DIVERSOS

Concurso de cegados.—Amanhã, pelas 14 horas, effectua-se na sede do Grupo Sempre Unidos o apuramento e distribuição dos premios ás cegadas que foram classificadas pelo jurí, e que são: «A Verdade no Goleiro», «A Caminhada Futuro» e «O Cavador», devendo as mesmas comparecer à hora indicada na sede do referido Grupo, rua do Vale de Santo Antonio, 240, 1.º

Amanhã no Teatro Apolo

às 8,30 e 10,30 da noite

2 ESPECTÁCULOS 2

com a brilhante revista

MOLA REAL

Espectáculo artistico e da maior sensação,

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

HOJE O SOL			
Q.	4	11	25
E.	12	19	26
S.	13	20	27
S.	14	21	28
D.	15	22	—
S.	2	9	16
T.	3	10	17

MARES DE HOJE
Praia de Mar à 6,24 e às 6,45
Baixamar às 11,54 e às

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Londres, 30 dias de vista	100,00	98,50
Londres, cheque	100,00	98,50
Paris	100,00	98,50
Amsterdã	100,00	98,50
Bruxelas	100,00	98,50
Bélgica	100,00	98,50
Itália	100,00	98,50
Holanda	100,00	98,50
Madrid	100,00	98,50
New-York	100,00	98,50
Brasil	100,00	98,50
Noruega	100,00	98,50
Suecia	100,00	98,50
Dinamarca	100,00	98,50
Praga	100,00	98,50
Buenos Aires	100,00	98,50
Viena (100 coras)	100,00	98,50
Remarques ouro	100,00	98,50
Agio do ouro 1/2	100,00	98,50
Libras ouro	100,00	98,50

ESPECTACULOS

TEATROS

2to Cais - A's 16,30 - Concerto pelo Orfeon do
Teatro de St Sebastian - A's 21 - Benamor.
Recital - A's 20,30 - Inglêses...
Teatro - A's 20 - "Ouro e o Vem cá não
tenhas medo".
Epilo - A's 21,15 - Mola Real.
Elen - A's 21,30 - A semana dos 5 dias.
Tremido - A's 21,15 - "Suspi".
Juvenio - A's 21,30 - "Irmãos e A Glória".
Maria Vitória - A's 20,30 e 21,30 - "Res-Vés".
Salto Top - A's 20,30 - Variedades.
El Vicente (4 Graças) - A's 20 - Animatógrafo.
Tremido Parque - Todas as noites - Concertos e di-
versões.

CINEMAS

Olimpia - Chindo Terrace - Salão Central - Cinema
Cendes - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Pro-
moteora de Educação Popular - Cine Paris - Cine Es-
perança - Chantecler - Tivoli - Tortoise - Gil Vicente.
MALAS POSTAIS
Foram adiadas para hoje a expedição das malas
postais pelos paizes "Anglia e Dinia", o primeiro
para Las Palmas, Madeira e Africa Oriental (via Fan-
chal) e o segundo para o Norte do Brasil.
Da Estação Central dos Correios, as últimas tira-
gem de correspondência efectua-se: para as regis-
trações às 11 e das ordinárias às 13 horas.

Aos marceneiros

Madeiras secas serradas, optimas dimen-
sões. Preço sem competitor.
Vendem-se: castanho, freixo e nogueira.
A. PIRES
Aznahaga da Torrinha, ao Régo

LIVRARIA BENASCENÇA

Obras literárias, scientificas, profissionais
e artisticas de autores portugueses e estran-
geiros.
Trabalhos tipograficos, carimbos e livros
de escriptura, mapas de escriptura, ma-
pas de descarga de colas e de matriculas
para Sindicatos, Cooperativas, Comunas,
Juventudes, etc.
Grande sortimento em material escolar,
artigos de papelaria e escriptorio, sempre
aos preços mais baixos do mercado.
Grandiosa obra de Victor Hugo, "OS
MISERAVEIS", illustrada por assinaturas,
tombos e encadernada com capas especiais
em 2 grandes volumes a 4000, acrescentan-
do 500 de porte o embalagem para as pro-
vincias.
Sempre novos artigos e novidades litera-
rias.

Joachim Cardoso
Rua dos Poais de São Bento,
27 e 29
LISBOA

LIMAS

As melhores são
as da "União".
Tomé Feiteiras,
Vieira de Leiria -
Pedir em todas as
lojas de ferragens.
Em preços e tem-
pera rivalizam com
as melhores mar-
cas inglesas.
MARCAS REGISTRADAS
Pedidos aos nossos Representantes e Deposi-
tarios em Lisboa srs. Ferreira & C.ª, Lda - Cal-
çada do Marquês de Abrantes, 138 - Telef. C. 192

DECLARAÇÃO

Afim de pôr termo a boatos insidiosos o
abaixo assinado vem declarar que nada
teve ou tem nem com a propriedade de
O Diário de Lisboa, nem com o que se es-
creve no referido jornal.
Lisboa, 27 de Fevereiro de 1925.
(a) Candido Sotto Maior

OS MISTÉRIOS DO POVO

— Não, exclamou uma voz ameaçadora; e antes
que Gontram tivesse tempo de se voltar, recebeu no
crânio um tão terrível golpe de picareta, que sem dar
um grito ou um gemido, caiu por terra inanimado
sobre o corpo de seu irmão, aos pés de Isolina. Fer-
gan, do esconderijo onde estava, tendo visto começar
a luta fratricida, introduziu-se na prisão pela abertura
secreta, no mais forte do combate dos dois filhos de
Néroweg. Os momentos urgiam; alguns dos homens
do senhor de Plouernel, notando a prolongada ausên-
cia dos dois lobinhos, podiam vir aos subterrâneos;
Fergan, pegando nas mãos de Isolina, disse-lhe com
voz comovida:
— Vem... vem... pobre creatura. A louca não
faz nenhuma resistência, levantou-se, olhando alucina-
damente para o servo, seguiu-o e conduzida por ele
chegou junto da saída secreta.
— Agora, disse Fergan, abaixa-te, querida menina,
e passa por essa abertura. Isolina ficou imóvel. Re-
nunciando a fazer-se compreender dela, Fergan enco-
stou fortemente ambas as mãos aos ombros da joven;
ela cedeu maquinalmente a esta pressão, dobrou os
joelhos e passou pela abertura.
— Mulher! disse então o servo a Azenor a Des-
corada, que ficara fóra do cárcere contemplando com
sinistra alegria os corpos ensanguentados dos dois
filhos de Néroweg vi, péga nas mãos dessa infeliz e
busca puchal-a para ti... ela obedecerá talvez ao teu
movimento.
— De que serve levar connosco esta louca? Pre-
guntou Azenor a Fergan; ela atrazará a nossa fuga.
— Eu quero salvar esta infeliz, exclamou o ca-
bouqueiro.
Isolina, amparada por Fergan, que precedia Colom-
baik com a mecha acesa, desceu penosamente os de-
graus da escada. Os fugitivos, entranhando-se cada
vez mais por debaixo da terra, chegaram aos últimos
degraus do caracol de pedra; este confinava com um
subterraneo excavado na rocha, numa tal profundi-

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de
todos os trabalhos que digam res-
peito à sua industria, tais como:
edificações, reparações, limpe-
zas, construção de fornos em to-
dos os géneros, jazigos em todos
os géneros, fogões de sala, xa-
drés, frentes para estabelecimentos
e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as prove-
niências.

Telefone, C. 5339

Escritório:

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

A GRANDE BAIXA

DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 3000
Sapatos em verniz 3800
Botas pretas (grande saldo) 4800
Botas brancas (saldo) 2800
Grande saldo de botas pretas 3800
Botas de couro para homem 4000
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,
18-20, com Filial na mesma rua, n.º 63.

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão. 49

LISBOA

TELEPHONE

2554

C

Anilinas Jacobus

A melhor maneira de resistir à
alta de preços dos artigos de ves-
tuario, é fingir os fatos e os vesti-
dos com as célebres anilinas JA-
COBUS, únicas que se podem
aplicar com justificada confiança.
Todos as preferem por serem as
melhores do mundo. Com uma
despeza insignificante fica-se com
um traje novo, sem ser necessário
pagar ao tintureiro preços exorbi-
tantes.
A venda em todas as boas dro-
garias do continente e ilhas.
DEPOSITO GERAL só por at-
cado: Sociedade Produtos Quí-
micos, Limitada, Campo das Cebolas,
43, 1.º - Lisboa.

BAIXA DE PREÇOS

CAMARADAS !!

NO N.º 60

da rua do Marquês de Alegrete, vende-
se toda a existência de calçado a pre-
ços convidativos, por motivo de obras
CAMARADAS! VÃO VÊR

FATOS COMPLETOS

E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã
com bons forros desde 169\$00

IMPREMIUNIS INGLESES com rinto e rapuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, RUA DA BOAVISTA, 172

CALÇADO

A sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos cal preto, forma brã, cujo valor
em verniz, abotinados, salto Luisé de 70\$00.
XV. a 60\$00 sapatos de verniz, de
a 75\$00 botas em calf, preto, cotados, para senhora, cujo valor
forma da moda, 2 gáspas e 2 so- de 75\$00.
las corridas, cujo valor é de 100\$00, a 70\$00 botas calf preto cano
a 30\$00 sapatos de verniz abo- de calf, forma da moda, 2 so-
tinados e c. IX, para senhora, cujo corridas, cujo valor é de 60\$00.
valor é de 60\$00, a 30\$00 grande lote de sapa-
a 55\$00 sapatos de calf cõr da tos, calf cõr, para senhora, aboti-
moda, cujo valor é de 80\$00, nados e c. IX, salto de pau e de
a 59\$00 grande lote de botas, sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas
que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

IMPORTANTE

SEGUROS MARÍTIMOS

A MUNDIAL participa a todos os seus clientes que celebrou con-
tractos com os mais importantes reassuradores, ficando assim habili-
tada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e
dentro da máxima garantia.
Vantagens especiais em apólices flutuantes.
Dirigir-se a



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$00 - Reservas, Esc. 749.031\$30,9

Sede em Lisboa: Delegação no Porto:

Rua Garrett, 95 - Tel. 3894 Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para caldeiras,
— guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc,

84, R. DO EMPAHO, 86 - LISBOA - TELEFONE 3930, 3931, 3932, 3933

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

de homens, mulheres, crianças, servos ou vilões, men-
digos, vagabundos, prostitutas, e ladrões; estes últi-
mos reconheciam-se pelas orelhas cortadas, bem como
os assassinos, dos quais alguns deles, por ostentação
sanguinária, ornavam o peito com um bocado de pano
preto onde se viam figuradas em branco, uma ou duas,
e às vezes três ou quatro cabeças de cadáveres, sinis-
tro emblema significando que a santa cruzada absolvia,
por numerosos que fossem os assassinos cometidos
por estes. Todos tinham a cruz encarnada no hombro
esquerdo. As mulheres traziam às costas os filhos,
muito pequenos para andar, ou muito fatigados já para
continuarem o caminho; outras, em estado de gravi-
dez, encostavam-se ao hombro de seus maridos car-
regados duma sacola contendo tudo quanto possuíam.
Os menos miseráveis destes cruzados viajavam mon-
tados em burros, em mulas, ou dentro em carretas;
levavam consigo até mesmo porcos e aves de pena,
ou faziam com que os seguisse a sua cabrinha ou uma
ovelha ensinada. Viam-se também espalhados, con-
trastando com esta multidão esfarrapada, alguns pa-
res, o cavaleiro na sela com a sua amante à garupa,
felizes de poderem fugir por meio desta santa roma-
ria, à vigilância zelosa de um pai ou de um esposo.
Entre eles estava com o seu amante Eucher, a formosa
Yolanda, esbuthada da herança de seu pai pela cubi-
da do senhor de Plouernel; tendo vendido algumas alfaias
que lhe restavam, dando a sua mãe metade do valor
recebido, e comprando com o resto uma linda mula
de viagem, Yolanda partia também para Jerusalém.
Esta multidão, composta de três e quatro mil pes-
soas, que tinham vindo de Angers ou das terras pró-
ximas desta cidade, aumentava de continuo pelo cami-
nho com outros peregrinos; os rostos dos servos e
dos vilões respiravam a alegria; pela primeira vez
abandonavam uma terra maldita, regada com os seus
suores, com o seu sangue, à qual, de geração em
geração, eles e seus pais tinham estado até ali agri-
lhoados pela vontade de seus senhores; finalmente,
gostavam de um dia de liberdade, felicidade inaprecia-

Policlinica da Rua do Jardim

do Tabaco, 90

Dr. Alberto Gomes, Cirurgião dos Hospitais - Ope-
rações, de 2 a 3 horas.
Doenças dos olhos - 2 horas.
Dr. Antonio de Jesus, Ex-Ass. do Oscar Helene-
Hein em Berlin - Ortopedia (Deformidades e paralisias
em crianças e adultos. Tuberculose dos ossos). Fio-
terapia (Eletroterapia, massagem, luz, etc), de 2 a 3 horas.
Dr. Bartol Camacho, Assist. da Fac. de Med. - Cli-
nica geral. Doenças nervosas, de 2 a 3 horas.
Dr. Casado de Almeida, Assist. da Fac. de Med. Ex-
Ass. do Prof. Strauss em Berlin - Medicina geral.
Doenças do estomago, intestinos e fígado. Endosco-
pia. Dietética, de 2 a 3 horas.
Dr. Culestina Teixeira, Ass. da Fac. de Med. -
Doenças das seniores, de 1 hora.
Dr. Francisco Martins, Ass. Livre da Fac. de Med. -
Doenças das crianças, de 2 a 3 horas.
Dr. Moraes Cardoso, Ex-Ass. do Prof. Iadassohn
em Breslau - Doenças da pele e sífilis, de 2 horas.
Dr. Morais David, Ass. da Fac. de Med. - Coração
pulmões. Clínica geral, de 4 horas.
Dr. Renato Brinjo, Monitor do Hosp. Necker em
Paris - Doenças dos rins e vias urinárias, de 4 horas.
Dr. March Athias, da Fac. de
Med. e Helena Calado, Chefe de Lab. - Análises clinicas.
na Fac. de Med.
Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar - Raios X. Rádio.

PURGAÇÕES

Cura rápida e radical com a GONOSINA
Único específico que não causa apertor de uretra
FARMACIA OLIVEIRA - 238, Rua da Prata, 240

MENINAS

e todas as donas de casa

que desejem mudar os seus vestidos de cõr
escura para mais clara, podem fazê-lo com-
prando um tubo do famoso Decorante
"Lipsia" tingindo-os depois na cõr que
desejarem com as anilinas "WIKI-WIKI".
Cada tubo indica em português a ma-
neira de se usar.
Este decorante, assim como as ani-
linas "WIKI-WIKI", encontram-se à venda
em todas as boas drogarias de Portugal e
no depósito geral:
Rua da Madalena, 113, 2.º
TELEFONE C. 5507
Sampaio & Rodrigues

Ao Povo de Lisboa

DEFENDAM-SE

Não mandem fazer fatos sem
fazerem uma visita à Alfaiataria
"Centro da Moda", onde se veste
com mais economia, elegância e
distinção.
Grande baixa de preços
Também se fazem fatos a fei-
to para homens e senhoras.
Grande facilidade de pagamento

Telha de Marselha

Tijolo furado

Vasco Mourão

Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POAIS DE SÃO BENTO, 37

Os quatro cavaleiros do Apocalipse

Sensacional romance histórico e cinematográfico - 1ª obra prima de Blasco Ibañez - Tradução
de Filipe Drenca

A venda em todas as livrarias. Um volume de 400 pag., em magnifico papel, 15\$00; pelo
correio, 16\$50. Tiragem especial de 100 exemplares numerados ao preço de 60\$00.

Pedidos em Lisboa à Livraria Peninsular Editora, rua do Povo dos Negros, 79, e à Empresa
Portuguesa de Livros, Lda., travessa da Palmeira, 32 e 34, e no Porto, a Fernando Machado &
C.ª, Lda., rua das Carmelitas, 15.

Aos revendedores faz-se 25 % em encomendas firmes de 100 exemplares, e de 30 % em 500
exemplares.

Enviam-se franco de porte para o continente as encomendas à cobrança do mínimo de dez
exemplares.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Para as classes pobres
Medicina, coração e pulmões - Dr. Armando
Narciso - A's 4 horas.
Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Viar-
- 4 horas.
Rins, vias urinárias - Dr. Miguel Magalhães
- 4 horas.
Fele e sífilis - Dr. Correia Figueiredo - H e
as 3 horas.
Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R.
Loit - 1 hora e meia.
Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos -
3 horas.
Doenças das crianças - Dr. Cordeiro Fer-
reira - 2 horas.
Garganta, nariz e ouvido - Dr. Mario Oli-
veira - 12 horas.
Estomago e intestinos - Dr. Mendes Bela-
- 5 horas.
Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma
- 5 horas.
Eoca e dentes - Dr. Armando Lima - 4 horas.
Cancro e cábio - Dr. Cabral de Melo - 1
hora.
Rio X - Dr. José de Pádua - 4 horas.
Análises - Dr. Gabriela Beato - 4 horas.

MOLESTIAS DE PELE

De feridas, implantes, herpes e outras doenças de pele,
CURAM-SE facilmente com a antiga e acreditada
Pomada de salicilato de chumbo composta
de Alberto Velho, farmacêutico
Depósito geral: Farmácia Figueiredo
42, rua dos Retrozeiros, 42

PIEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócas e
mecanicas, tubos, molas, chumbeiros de 2 e
5 peças, tampões. Vendem-se no Largo
Conde Barão, n.º 35 e quiosque.
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lda
(2ª a casa que fornece em melhores con-
dições).

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus - Anarquia e a igreja	1300
Gonçalves Correia - A Felicidade	1300
todos os seres na Sociedade	
Futura	350
José Prat - A burguezia e o prole-	350
ariado	350
Content - Contra o confusãoismo	330
Alfredo Neves Dias - Razão (poeme- to social)	330
Landauer - Social Democracia	330
R. Mela - O principio do fim	330
A maçonaria e o proletariado	330
J. Most - Peste religiosa	350
J. Rio	
Trovas da noite	1900
Definições sociais	350
Contos dum revoltado	1900
Roberto o Pescador	1900
*** Carnet de Pensamento	320
Bakunine - No sentido em que so- mos anarquistas	350
Chueca - Como não ser anarquista	350
B. Lazare - A Liberdade	350
J. Etrevant - A minha defesa	350
Kropotkin	
A mocidade	350
Os bastidores da guerra	330
Moral anarquista	350
J. Guedes - Lei dos Salários	350
Briand - A greve geral	350
Roland - Rússia Nova	350
*** O sindicalismo e os intelectuais	350
D. Carvalho - A gestão sindical no período revolucionário	350
A. Hamon - A crise do socialismo	1900
J. Santos - A transformação da so- ciedade	350
Neno Vasco	
Georgicas	330
Greve de inquilinos, teatro	1900
Domela - Patria e Humanidade	330
*** Proletariado Histórico	1900

Madeiras

Taboado 12 palmos.
Solho à Portuguesa.
Fôrro em tócco e aparelhada.
Preços sem competência.

Vasco Mourão

Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

Vasco Mourão

Rua Nova do Carmo, 35, 2.º



PELA FRANÇA

Perspectivas de crise na metalurgia

A crise da indústria metalúrgica, anunciada há já bastante tempo pelos jornais operários franceses, parece que vai entrar agora numa fase decisiva.

A pesar do presidente de Conselho, Herriot, ter feito um vibrante apelo à nação para que o franco seja defendido, não é, no fim de contas, com o seu discurso que poderá remediar a gravidade da crise.

Na verdade, a estabilização do franco e até a sua valorização, não é coisa que agrade lá muito aos potentados da metalurgia francesa e, ultimamente, por alguns artigos que temos lido na imprensa burguesa daquele país, notamos em que consiste verdadeiramente o «patriotismo» destes industriais.

Não, a questão está exposta muito claramente: «Uma alta do franco, por pouco sensível que fosse, seria um golpe mortal para as nossas indústrias e teria como resultado uma crise industrial e comercial, cujas consequências seriam incalculáveis».

As contradições capitalistas

Como conseguiram pois, em França, conciliar os interesses deste país e o dos industriais, isto é, por um lado Herriot esforçando-se em apelar para a União Sagrada, com o fim de proteger o franco, e por outro, a grande indústria, declarando que uma alta do franco seria mortal para as indústrias metalúrgicas.

E' fácil compreender a razão da atitude dos industriais franceses, quando dissermos que eles souberam aproveitar todas as ocasiões para se enriquecerem.

Só no ano passado, quando o franco teve uma baixa enorme, os capitalistas metalúrgicos fizeram rios de dinheiro.

Vê-se por consequência, que a estabilização do franco é o pior pesadelo que eles podem ter. Há pois uma situação paradoxal entre aqueles que fazem esforços para sustentar a valorização do franco e os que aproveitam da sua baixa, para fazerem fortunas. Tanto num caso como noutro, o operário continua a ser a eterna vítima daqueles que querem conciliar interesses contrários.

A arrogância do capital

E' nos períodos de grande actividade industrial, que a luta de classes toma um carácter mais severo, devido ao poderio do capitalismo.

A arrogância dos potentados do dinheiro tem ultrapassado todos os limites, exercendo contínuas perseguições contra os militantes e contra as organizações sindicais. Neste momento, estão eles fazendo todo o possível, aproveitando-se da crise que se aproxima, para dar o golpe de misericórdia aos sindicatos franceses.

Está pois preparando-se uma vasta ofensiva contra os nossos camaradas da França. A luta vai ser sentida e os industriais já se estão preparando. O perigo está iminente e para o combater o operariado tem que preparar as organizações para a luta de classes.

E sobretudo, visto que é o capitalismo quem começa a batalha, desejamos ardentemente que a classe operária de França esteja à altura do seu dever, não só para lutar, mas também para triunfar.

Prossegue a greve dos tanoeiros de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 23.—Não é extranho ao público, principalmente à classe operária, que os operários tanoeiros da firma Cok Burns Smiths se encontram em greve, não por reclamarem qualquer aumento de salário, mas sim para fazerem virar uma velha aspiração da classe dos tanoeiros — a abolição da empreitada.

Aquela firma mantém-se irredutível perante o movimento, não se importando propriamente com os prejuízos que lhe advêm e o sacrifício que os seus operários fazem para fazerem virar uma reclamação que só por birra ou capricho alguns industriais exportadores querem aniquilar. E porque? Isto é que é preciso explicar-se.

Em algumas casas, principalmente exportadores ingleses, o regime da empreitada é um verdadeiro manancial, porque quando o trabalho é lido por encheio, e quando essa aperta escasseia, é-lhes apontado o olho da rua. Aos velhos tanoeiros, aos quais inválidos para o trabalho, a esse pagam-lhes um salário a jornal que mal chega para a sua alimentação, obrigando-os ainda a vários trabalhos que só por muita precisão se podem tolerar.

E vem isto a talhe de foice para se demonstrar ao público até que ponto chega a infame exploração dos dirigentes da firma Cok Burns Smiths, no pagamento que faz aos guardas de vigilância aos seus armazéns, durante a noite. É incrédulo, mas é verdade: 200 reis por cada noite!!!...

Mas há mais ainda: O abuso, o escárnio que fazem dos seus operários, chega ao ponto de obrigarem qualquer deles a ir, quando chove, ao lado dum seu gerente, com um guarda-chuva aberto, a fim de que se não incomode em tirar as mãos dos bolsos do seu sobretudo. A face destes abusos inqualificáveis que, de maneira alguma se podem tolerar, a classe — fiquem o sabendo o público — não consentirá ali nenhum dos seus componentes a trabalhar, enquanto aquela firma não acabar com estes abusos, com estes disparates, só próprios de criaturas indígnas do respeito de todos os homens que presam e amam a civilização.

O moral dos grevistas é excelente, tudo indicando que a vitória lhes pertencerá como é de justiça.—E.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado da Bolsa de Trabalho da Federação da Construção Civil vem realizando várias demarções junto dos ministros do Comércio, Marinha e Guerra no sentido de serem colocados os operários desempregados da província e arredores.

Este organismo está esperando de que as suas demarções muito contribuirão para a crise seja atenuada.

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo público

No artigo de A Batalha, de sexta-feira última, falando-se da campanha de descrédito ultimamente feita em todos os campos contra o Estado, dizia-se além de outras cousas, que ao proletariado nem um Estado em que só os trabalhadores tivessem voto satisfaria. Porque, perante tal, o Estado seria sempre a minoria intelectual, e os funcionários públicos para todos os efeitos uma oligarquia como qualquer outra.

Ora dando-se a circunstância de eu por várias vezes e nas colunas da própria Batalha, procurar defender a classe do funcionalismo público, alguns camaradas poderão julgar que eu ou o jornal estamos em contradição com aquilo que se escreve ou pensa, quando afinal tal se não dá. A doutrina adoptada e defendida pela Batalha, em nada implica com a defeza boa ou má que eu aqui possa fazer do funcionalismo, uma vez que, reconhecendo eu que muitos serviços há superfluos na detestável organização do Estado, reconheço as camaradas também que funcionários não são só aqueles que desempenham serviços absolutamente inúteis amanhã, como quasi nulos são já hoje. Funcionários são todos aqueles que, embora dependam dum Estado calunioso e em descrédito, prestam serviços indispensáveis à colectividade e esses, apesar de em grande parte serem desconhecidos, não aspiram de forma nenhuma a constituir a tal oligarquia.

E certo que é a classe do funcionalismo a que mais se tem aliado do movimento progressivo que diária e vertiginosamente se vem operando e está quasi no seu termo, mas isso a vários factores se deve atribuir e muito principalmente aos velhos preconceitos só próprios do avanço de idade e um pouco ao escandaloso favoritismo político que campeia em todos os ramos dos serviços públicos, merced do qual aos nulos tem sido possível alcandorem-se às mais altas e rendosas situações do estado; mas, a par disso, também na classe existem ainda que em pequeno número, criaturas que não concordando com o combate dado pelas classes conservadoras ao Estado—visto que esse combate, vindo de pessoas que vivem do roubo, da falsificação e da burla, apenas pode e deve vir a derubá-lo para, em seu lugar, erguer outro bem mais opressor e perigoso — nem por isso deixam também de o combater.

Forçoso seria explicar que aqueles funcionários de que falo como revoltados, apenas o são, não só pela forma atributória como mantêm e monta os seus serviços, se não ainda porque mais dados ao estudo da questão social, concordam com o dr. Silva Mendes, quando no seu livro «Socialismo libertário ou anarquista» sustenta que «a eliminação do Estado é uma consequência lógica do modo por que se tem operado a evolução social e que quando a solidariedade for completa, a sociedade será necessariamente anarquista, porque o Estado, como órgão historicamente necessário para suprir as deficiências da adaptação social, tendo perdido a sua função na sociedade não terá mais razão de existir», e além disso que, quer os retrogrados disfarçados em radicais quer os que não, e ainda que a frente dos sindicatos, como já começaram fazendo, ponham criaturas de sua inteira confiança, nem por isso os factos deixaram de se consumar.

A defeza aqui feita é completamente necessária, e oxalá o fosse por quem melhor o pode e deve fazer, que então evitar-se-ia que o funcionalismo continuasse a ser o bode expiatorio de todos os desmandos e asneiras que os políticos e os astuciosos fazem à sua conta e proveito. Por toda a parte se calunia e injúria o funcionalismo, sem se curar saber se os males de que o acusam são obra sua ou sequer se ele é o culpado, mas procuramos nós: acaso será ele o culpado a não ser pelo seu criminoso silêncio, do bode fabuloso dado ultimamente na Caixa Geral de Depósitos a título de participação de lucros, em que o dr. Daniel Rodrigues abichou quarenta e nove mil escudos, o dr. Amancio de Alpoim quarenta e dois mil, um chefe de secção quatro e novecentos, e por aí fora; até um serventário com mil e quinhentos? Por acaso será ele o responsável de que naquela repartição do Estado, onde pontifica um socialista que para glória da ideia nem ao menos manda estabelecer o princípio de igualdade de classe ou equidade de justiça na citada distribuição, os funcionários que têm um ordenado como quaisquer outros, à maneira de casa comercial distribua tais lucros no fim de cada ano? Não! Creio bem que não, a não ser pelo seu silêncio e pela sua desorganização, pois se essa não existisse não seria possível uma tão flagrante desigualdade de tratamento, pois a distribuição de lucros (sic) dá-se noutros estabelecimentos, mas não entanto os interessados que respondam, pois nós que o desejamos no seu lugar, apesar das censuras dos zolios e dos nulos, não lhe reconhecemos outra, conquanto que essa já não seja pequena.

PAULO EMILIO.

MISTÉRIO

Estranha atitude da policia da esquadra dos Terramotos

A policia da esquadra dos Terramotos que nenhuma providência ainda tomou para evitar a obra sinistra dos «cavaleiros da luz», entrem-se agora, segundo nos vieram comunicar, em perseguir os rapazes pertencentes à Juventude Sindicalista da Meia Laranja.

Várias buscas tem passado à sede da Secção Juvenil daquele bairro, buscas que apenas redundam num verdadeiro fiasco, pois aquela instituição, criada para instruir os jovens outra metralha não possui do que a que guarnece a sua biblioteca.

Na busca ontem levada a efeito por uma brigada de sete policas, além da detenção dos circunstantes foi-lhes exigido que indicassem onde paravam os «cavaleiros da luz». Como mais uma vez se comprovasse a sua inocência os detidos foram soltos e a pergunta ficou sem resposta.

Tem alicot de misterioso a atitude da policia.

Quando toda a gente sabe que são precisamente os jovens sindicalistas os visados pelo bando em referência, estranhámos que só a policia ignore esse facto, e que as vítimas vão perguntar pelos seus algozes!

Não andaria melhor a policia deixando sossegado quem apenas com os seus recursos quer que contem quando for atacado? Ou ser-lhe há interdito tal procedimento?

PÁGINAS ALHEIAS

OS AGITADORES

por JULIO BOURGUIN

Os últimos sucessos consagraram uma tese abominável, muito do agrado dos srs. capitalistas: a da responsabilidade moral dos militantes que, por meio da palavra e da pena, dizem à classe operária quais são os seus deveres e os seus direitos.

Embora o Socialismo não reconheça chefes, tem, não obstante, homens de confiança que os nossos adversários baptisam com o nome de «agitadores», ou dirigentes da «escumalha».

Quando os habitantes dos Países Baixos, em luta contra Filipe II, souberam que os mais resolutos de entre os seus defensores tinham sido classificados de «miseráveis» (gueux) por um dos seqüezos do monstro espanhol, acolheram a injúria com orgulho, aceitando-a com agrado; ainda se canta hoje aquilo de

Com o nome de Miseráveis nós queremos ultrajar, Quando é para nós um título muito de gloriar!

Se acaso a burguesia imagina que ultraja os nossos militantes chamando-lhes «agitadores», termo ao qual atribue uma significação ruim, que todos levantem a luva e reivindicando enérgicamente esse título, de modo a ver-se nele mais um diploma de abnegação pela classe proletária.

A gente dominante parte deste princípio, que nela está profundamente arraigado: de que é lógico e inevitável que haja ricos e pobres. A ordem social actual considera-a definitiva.

Cega por esta concepção, tam pouco perspicaz como previdente, das cousas sociais, a burguesia não quer ver no Socialismo mais do que uma generosa utopia (apreciação excepcional e de favor) ou um desencadeamento de apetites irracionais e insaciáveis (apreciação mais geral).

Ao lado de alguns militantes que consideram honradores, a burguesia finge não ver nos nossos camaradas da vanguarda mais do que pescadores de águas turvas, que usam e abusam da pretendida ingenuidade e credulidade dos trabalhadores, dizendo-lhes parvoíces fecundas em decepções, prometendo-lhes o impossível, excitando entre as turbas cubicas insaciáveis, exagerando as misérias do proletariado, inventando até agravos imaginários, depositando nos espíritos a levedura que faz fermentar as paixões violentas, charlatães, afinal, que praticam o crime horrendo de mentir a quem sofrem, rindo-se intimamente da sua miséria.

A burguesia possui uma mentalidade que a impossibilita de formular um juízo sã, com respeito às classes laboriosas; a burguesia não pode emitir mais do que uma opinião subjectiva, quer dizer, é demasiado egoísta para que a si próprio se atribua a culpa, ao passo que a sua alma vilã não lhe deixa ver o povo senão sob um vilão aspecto.

Os «agitadores» socialistas não têm necessidade de desfigurar as misérias do proletariado para poderem comover os homens de bom coração; os factos são por demais evidentes.

Que a burguesia — que adora os seus privilégios como às meninas dos seus olhos — afirme, se assim lhe apraz, que a resignação é o último recurso dos miseráveis.

A verdade sai dos lábios dos «agitadores» socialistas (mais perspicazes que os burgueses, porque olham para o futuro sem que nenhum interesse pessoal lhes perturbe a visão), quando asseguram que a humanidade está em marcha para o colectivismo, dizendo também que, se os trabalhadores quiserem adiantar o seu advento deverão limitar-se à luta de classes, empregando nela, não só a força penetrante da tenacidade, mas também a pressão irresistível que dá o espírito de combatividade e de rebeldia.

Os «agitadores» incomodam a burguesia.

Pois muito bem! Que formoso seria já agora — não é verdade, senhores? — que o povo trabalhador

pudesse formar uma massa inerte e sem vontade!

Que fácil seria tudo, se os patrões não tivessem contra eles nas greves mais do que trabalhadores contra quem podessem exercer represálias odiosas, uma vez acabados os conflitos!

Mas esses tempos passaram...

Graças aos homens de coração considerados «agitadores», a consciência de classe vai surgindo entre os miseráveis, os rebeldes vão-se convertendo em exércitos.

O que põe os capitalistas num estado de cólera, tanto mais agradável quanto mais imponente, é que, sempre que uma greve se declara, não se encontram apenas em presença dos seus operários, formando um irresistível bloco impessoal, oferecendo-se colectivamente ao rancor do adversário, mas ainda em face de «agitadores» estranhos ao movimento e que se tornam os intérpretes dos trabalhadores revoltados.

Esses «exploradores de greves», como alguns lhes chamam, os patrões desejariam sempre dar-lhes com as portas na cara, porque contra esses homens não poderão mais tarde exercer o doce prazer da vingança. Ao lado do proletariado escravizado se encontram os seus operários, formando um necessário bloco independentes.

A burguesia calunia os nossos «agitadores», acusando-os de provocar e agravar conflitos.

Quando se declara uma greve, sendo o movimento reconhecido como legítimo pelo Partido e pelos Sindicatos, os militantes limitam-se a levar aos seus companheiros em luta o apoio fraternal que uns a outros devem todos os homens comprometidos pelo grande princípio da solidariedade social. Seria monstruoso que eles se desinteressassem da luta empenhada, abstendo-se de tomar parte nela.

A burguesia, constituída por uma associação de egoístas, é incapaz de compreender a grandeza impressionante da solidariedade socialista.

Onde ela vê energúmenos, não há outra coisa senão homens de bom coração; onde não se lê deparar mais do que demagogos ambiciosos, há pessoas desinteressadas.

Pode uma outra vez haver excepções, mas a regra não se altera por isso.

E, coisa estranha, em todas as nossas Agrupações, Sindicatos ou Cooperativas, a colectividade é que «agita» os agitadores, porque no Partido Socialista os mandatários não estão à disposição dos mandantes, mas estes às ordens daqueles.

E' o que Jaurès exprimiu nestes termos: «Esses homens que o sr. ministro chama «agitadores», se acaso se insurgirem antes que o povo se insurja, se porventura se levantaram antes que o povo se levantasse, organizando o proletariado primeiro de que este fosse uma força, falando-lhe numa sociedade nova, mostrando-lhe os seus deveres e direitos, sem nenhuma esperança de recompensa ou garantia para eles, afrontando as iras dos governos e também ainda a indiferença mais terrível da parte dos próprios trabalhadores, esses homens não são os ambiciosos de que o senhor fala, antes são homens de ideal, homens de fé. Quem incita as greves é o meio económico. Mas se alguém aguarda o momento em que as possa explorar, isso quer dizer que elas se produziram por si mesmas antes que esse alguém pudesse intervir na sua resolução».

Os verdadeiros «agitadores», esses a quem cabe muito bem a ideia desprezativa contida na palavra, são os defensores do nosso regime social, que, baseado na injustiça e no privilégio, deve conduzir-nos mais tarde ou mais cedo à revolução.

Como disse um camarada nosso — «a miséria é a grande agitadora, mas como a miséria é, por seu turno produto da exploração, o agitador é o capitalista sem coração e sem consciência, que não quer compreender que o operário é um homem e que o proletariado encerra no seu seio a humanidade do porvir».

No Ervedal

Eterna exploração

ERVEDAL, 26.—O carnaval nesta localidade decorreu sensório, mascarando-se a própria alegria que se exteriorizou pelas ruas.

Um moçoiro muito nosso conhecido, como não podia deixar de ser, aproveitou-se da quadra para conseguir algum proveito... financeiro.

De parceria com outros cavalheiros organizou um baile, exigindo 2500 por cada entrada. Porém o povo não se conformando com a exploração não ocorreu ao baile.

Há a acrescentar que o «bom» do moçoiro foi auxiliado por alguns operários da construção civil que, inconscientemente, lhe prestaram apoio.

Bom seria que os trabalhadores nunca esquecessem a sua qualidade de explorados, fosse quando fosse.—E.

Os rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, deu entrada Manuel Lopes Conde, de 34 anos, natural de Torres Novas, limpador de carruagens da C. P., e residente na rua do Limoeiro, 30, 5.º, que, quando na estação de Campolide se apegava do tramway de Sacavem, foi colhido pelo comboio n.º 8, que chega ao Rocio às 8 horas, ficando confuso nas pernas e tronco.

No Banco do hospital de S. José, recebeu curativo e seguiu para casa, Antonio Nunes de Oliveira, de 28 anos, natural de Lisboa, servente electricista, e residente na rua Heliodoro Salgado, n.º 15, rez-do-cho, que quando limpava umas lâmpadas do caminho de ferro do Sul e Sueste, no Barreiro, foi colhido por um candieiro, ficando ferido na cabeça.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 2 desta revista intitulada «Florescimento», de Federica Montseny.

PREÇO: \$50.—Pedidos à administração de «A BATALHA».

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Foram reduzidos os salários dos corticeiros de Portalegre

PORTALEGRE, 26.—Contrariamente ao resolvido pela Federação Corticeira, os operários corticeiros desta localidade cedem à imposição dos beneméritos industriais, que lhes propuseram uma redução de salários, depois da qual poderiam reabrir as fábricas encerradas.

Mais uma prova de que a crise de trabalho é apenas uma manobra dos exploradores para baixarem os salários.

Estamos convencidos de que a classe corticeira daqui não se teria submetido à criminosa vontade dos patrões se estivesse convenientemente organizada.—C.

Inconsciência ou quê?

COIMBRA, 26.—Segundo nos acabam de informar, a oficina metalúrgica do sr. Magno, sita ao fundo da rua Direita, acaba de tomar, por indicação deste, para com os seus operários uma atitude condenável.

Trata-se nada menos de que quando a crise de trabalho se manifestou ser reduzido o horário de trabalho de dez para oito horas, claro está para assim reduzir o salário.

Agora porem, deixando cair a mascara da hipocrisia, este senhor acaba de deliberar que os seus operários voltem a trabalhar dez horas, mas com o preço equivalente a oito, o que representa uma violência e um roubo.

Entretanto, em face disto, os operários conscientes abandonaram a oficina em sinal de protesto e porque não queriam ser explorados, tendo havido outros que aceitaram tais condições de trabalho, o que não sabemos como classificar.

Haverá inconsciência ou quê?—C.

Em Olhão

OLHÃO, 25.—Não existem os «forças-vivas» de fazer baixar os salários e entretanto não têm pejo de fazer subir o preço de todos os generos de primeira necessidade.—C.

Ainda o comício em Ervedal

ERVEDAL, 23.—O correspondente dum jornal das «forças vivas», que nervosamente assistiu ao último comício aqui realizado, furioso perante a grandiosa manifestação levada a efeito, enviou para o jornal que dá guarida à sua prosa um acervo de mentiras, desvirtuando o verdadeiro significado desse gesto.

O arrojado deste pretencioso chega ao ponto de condenar a conduta da G. N. R. para com o povo, indignando-se por a guarda não ter fuzilado os manifestantes.

Se o seu moral nos merecesse alguma consideração ainda lhe dedicariamos algumas linhas. Assim lamentamos apenas que um brulhão destes seja professor primário...—E.

Corticeiros do Seixal

SEIXAL, 26.—Reuniu a classe corticeira para apreciar a resposta da firma Wincander, sobre a baixa de salários.

Como a gerência da referida empresa obstinadamente pretende reduzir 1000 os salários dos operários ao seu serviço, a assembleia repudiou tal oferta, prosseguindo o movimento de defesa da tabela em vigor.—E.

Trabalhadores rurais de Montoito

MONTOITO, 26.—Cada vez se acentua mais a dificuldade de viver.

Os preços dos generos de primeira necessidade conservam-se exorbitantes.

Entretanto os salários dos trabalhadores rurais que eram de \$300—a sêco—passaram a \$700 e com a refeição \$200 e \$250; isto para os homens, porque as mulheres ganham, a sêco, a ridícula «jorna» de \$250.

E com estes miseráveis salários trabalha-se do nascer ao pôr do sol.—E.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No Sindicato dos Encadernadores de Lisboa

Conforme anunciámos, realiza-se amanhã, pelas 15 horas, na respectiva sede travessa do Oleiro, 13, 1.º, uma sessão solene comemorativa da reorganização do Sindicato dos Encadernadores e Anexos, sessão onde deve vir usar da palavra delegados da C. G. T., U. S. O., F. L. e jornal e outros organismos operários.

Depois da sessão, que será abrilhantada pela tropa Alfredo Teixeira, o nosso camarada Mário Domingues realizará uma conferência.

Os organismos operários que por lapso não foram convidados devem por este meio considerar-se convidados.

SOLIDARIEDADE

Pró-Eduardo Jorge

A comissão, pede a todos os camaradas que ainda não liquidaram os bilhetes que lhe foram enviados, o favor de o fazer hoje, na tipografia de A Batalha, para assim poder apresentar as suas contas.

A favor de Carlos Saldanha

A Secção Juvenil da Meia Laranja apela para todos os camaradas para que hoje, nas fábricas, oficinas ou onde trabalham abram quetes em favor do camarada Carlos Saldanha, condenado há dias pelo tribunal em 20000 de multas por um delito social.

O produto das referidas quetes deve ser entregue na sede da secção, estrada dos Prazeres, 5.

Um espectáculo em Sintra

SINTRA, 26.—Realiza-se amanhã, na Sociedade 1.º de Dezembro, em São Pedro, um espectáculo promovido pelo Sindicato da C. Civil, no qual toma parte o grupo dramático «Solidariedade Operária».—E.

O SUPLEMENTO DE «A BATALHA»

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. Metalúrgica.—Conselho Técnico.—Reuniu a comissão executiva, apreciando vários assuntos de interesse geral.

Tomando conhecimento das violências infringidas a alguns menores a bordo do vapor «Mormugão» resolveu levar o assunto à apreciação do Conselho, que deve reunir na próxima quinta-feira.

Operários Municipais.—Novamente se convidam os cobradores a enviarem para a sede uma relação com os números e nomes dos sindicatos a seu cargo.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

S. U. da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—A's 21 horas, a comissão administrativa.

Operários Municipais.—A caixa de solidariedade às 21 horas.

Convida-se o tesoureiro a comparecer na sede à mesma hora.

Ferrovários da C. P.—Pelas 20,30 horas, no sindicato, a comissão de solidariedade a Manuel Henriques Rijo.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

S. U. C. Civil.—Reúne a comissão administrativa na próxima terça-feira com os cobradores para liquidação de contas.

Secção Profissional dos Estudantes.—Reúne na próxima terça-feira, pelas 20 horas, para apresentação de contas e nomeação da comissão revisora de contas. Em virtude de não ser a primeira convocação reúne com qualquer número.

União Têxtil.—Reúne amanhã, pelas 14 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação do relatório e contas; nomeação dos novos corpos gerentes; outros assuntos de interesse para a classe.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

S. U. da Construção Civil de Tires.—Reúne hoje, pelas 21 horas a assembleia geral para a comissão ultimamente nomeada dar congas das demarções realizadas junto da Câmara Municipal e delegado do governo sobre a crise de trabalho.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secção dos Anjos.—Por motivo de força maior não se efectuou a sessão anunciada para ontem. A mesma deve realizar-se na próxima quinta-feira.

Para assunto urgente reúne hoje em conjunto as comissões executiva e de propaganda.

Secção da Meia Laranja.—Os corpos gerentes desta secção, reunidos para apreciar o bárbaro atentado que vitimou o jovem sindicalista José da Silva, filiado nesta secção, resolveu tornar público o seu veemente protesto contra o acto de banditismo dos «cavaleiros da luz».

Na previsão de novos atentados esta secção previne a mocidade operária de que deve estar alerta contra as arremetidas da quele bando.

Secção Metalúrgica.—Reuniu a assembleia geral que aprovou a tese «A propaganda nas Juventudes Sindicalistas e suas modalidades», e na tese sobre «Organização interna das Juventudes Sindicalistas», aprovou uma emenda sobre o aumento de cotas, para que as Secções vejam as possibilidades de o fazer. Aprovou-se um protesto contra o atentado que foi vitima um nosso camarada pelo negro grupo dos «Cavaleiros da Luz», avisando os seus filiados a pôrem-se de sobreaviso.

Em Elvas

Escamoteio patronal

ELVAS, 26.—O trabalhador João António Freixo, ao serviço de Manuel António Caldeira, estabeleceu com o seu amo a mensalidade de 110000, tendo terminado há dias o respectivo prazo.

Quando reclamou o seu pagamento o patrão «generoso» declarou-lhe que só lhe pagaria 98815, sob um pretexto qualquer.

O Freixo protestou, dirigindo-se em seguida ao administrador do conselho a quem fez sentir o escamoteio do seu patrão.

Ali, devido às peias burocráticas tão vulgares nas repartições do Estado, emperraram de tal forma o assunto que o operário lesado teve que conformar-se e receber o que o patrão lhe quiz dar.